

O ESTÁDIO COMO ESPAÇO DE AFIRMAÇÃO DO NACIONALISMO CATALÃO

VICTOR DE LEONARDO FIGOLS*

“Fala em catalão o cimento do Camp Nou [...]”

GALEANO, Eduardo.

Os primeiros estádios do FC Barcelona

Com o intuito de rememorar as partidas de futebol que vivenciara na Suíça, o suíço Hans Gamper, que era um administrador de empresas e também um *sportman*, decidiu fundar um clube de futebol na cidade catalã. Gamper entrou em contato com outros representantes comerciais estrangeiros com o intuito de formalizar o “joc del carrer a través d’una entitat”, visto que o futebol “actua como a element integrador”.¹ Então, o jovem empresário e *sportman* suíço decidiu criar “*un vehicle de cohesió social, un club*”,² anunciando em um jornal as suas pretensões de montar um clube de futebol.

Em 29 de novembro de 1899, Gamper enviou a documentação do clube para o Governo Civil, e então o *Football Club Barcelona* foi

oficialmente fundado. Os primeiros anos do FC Barcelona foram marcados pela precariedade econômica, principalmente nas escolhas dos espaços para a prática do futebol. Entre 1889 e 1908 o FC Barcelona utilizou quatro campos diferentes até fixar em um terreno que viria a se o seu primeiro estádios.

A instabilidade econômica do clube e as dificuldades de encontrar espaços para praticar futebol em uma cidade como Barcelona, que estava passando por uma expansão urbanística, forçou o FC Barcelona a que compartilhar o *Velòdrom de la Bonanova* com outro clube de futebol.

Inaugurado em 1893, o *Velòdrom de la Bonanova* era um espaço que abrigava outros esporte além do ciclismo, como por exemplo o tênis e o futebol. Vale lembrar que as práticas esportivas na Espanha eram marcadas pela segregação das sociais, por exemplo, o hipismo era o esporte dos mais ricos e o futebol era das camadas mais populares, assim como o ciclismo. Cabe lembrar também que o tanto o ciclismo e quanto o futebol foram as primeiras práticas esportivas que se popularizaram na Catalunha, na virada do século XIX para o XX.³

O *Velòdrom de la Bonanova* era um dos poucos espaço para a prática de futebol na cidade de Barcelona, diversos clubes se revezavam na utilização do campo para a prática do futebol. O FC Barcelona utilizou o velódromo por um ano (entre 1899 e 1900), quando o FC Català, clube mais popular da cidade naquele período, passou a ter uso exclusivo do espaço.

Em 1900, o FC Barcelona se mudou para um solar ao lado do Hotel Casanovas. O terreno alugado pelo clube não durou muito, naquele mesmo ano os proprietários venderam o terreno, obrigando o clube a mudar mais uma vez. O terceiro campo que o clube catalão passou a mandar seus jogos não era muito longe do terreno anterior. O FC Barcelona se instalou na *Carretera d'Horta*. Nesse terreno o clube ficou entre 1901 e 1905, quando teve que abandonar, mais uma vez, pois para

os proprietários do terreno o espaço seria muito mais rentável se houve uma edificação no local.⁴

Após sair da *Carretera d'Horta*, o FC Barcelona passou a usar o campo do *Carrer Muntaner*, vários outros clubes já haviam usado o espaço, como por exemplo, o Espanyol e o Català. O FC Barcelona utilizou esse espaço durante quatro anos, até 1909, quando decidiu se mudar para o *Camp del Carrer de la Indústria*. Em pouco tempo, o clube transformou aquele espaço em seu novo estádio, reflexos da popularização do futebol.

Como bem aponta Richard Giulianotti,⁵ no final do século XIX e no início do XX houve uma profusão de clube e associações esportivas, principalmente na Europa e na América do Sul, a maioria dessas instituições tinha como atividade principal o futebol. Aos olhos dos nativos, o futebol praticado pelos ingleses era visto como um ar modernidade e de civilidade. Ao lado do futebol, como já foi mencionado, outros eventos de massa atraía o público, como por exemplo, as touradas, e o ciclismo, sendo o segundo muito popular na Catalunha.

Nos primeiro anos do século XX, a prática do futebol se tornava cada vez mais popular na Espanha, principalmente nas regiões portuárias, como por exemplo, as cidades de Barcelona e de Bilbao, além disso, os carvoeiros britânicos fixados no País Basco também tiveram um papel importante na difusão do futebol no território espanhol.⁶

As cidades portuárias por todo o globo foram à porta de entrada do futebol em muitos países da Europa. Para além dos produtos industrializados que o imperialismo inglês levava para todos os cantos do mundo, o futebol foi um dos fenômenos culturais exportados pelos ingleses. É bem verdade que a difusão do jogo não era intencional, pelo contrário, tinha um caráter espontâneo, uma vez que se observamos que

os principais vetores de divulgação do futebol eram marinheiros ingleses que praticavam o jogo nas cidades em que aportavam.

Em 1909, o FC Barcelona se mudou em definitivo para o *Camp del Carrer de la Indústria*. No dia 14 de março do mesmo ano, o FC Barcelona recebeu o FC Català no jogo de inauguração do novo estádio, os dois clubes mais populares da Catalunha até então empataram em 2 a 2.⁷ Não se sabe ao certo o público presente neste jogo,⁸ mas devido ao jogo de inauguração, o *Camp del Carrer de la Indústria* recebeu uma reforma que incluía uma tribuna de dois andares, com capacidade para 1500 pessoas, ao todo, o campo tinha capacidade para seis mil pessoas.⁹ Após a reforma, o campo passou a ser “un dels escenaris esportius més admirats de l'època”.¹⁰ É curioso notar que, apesar de possuir apenas 200 sócios nesse período,¹¹ o pequeno estádio que o FC Barcelona montou conseguia abrir um número bem maior de adeptos do clube.

Aos poucos o campo foi entrando na vida cotidiana dos torcedores do clube e da cidade de Barcelona. O *Camp del Carrer de la Indústria*, como passou a ser chamado, recebeu a primeira partida feminina da Catalunha e o primeiro jogo noturno da cidade de Barcelona. Além disso, foi devido à superlotação do campo em dias de jogo que os torcedores do FC Barcelona receberam o apelido de *culés*. Como aponta os autores do livro *Història crítica del Futbol Club Barcelona*, o apelido foi dado por aqueles que passavam do lado de fora e “només es podia veure la part baixa de l'esquena de tots aquells que estaven asseguts sobre la paret que envoltava el camp”.¹²

A estabilidade econômica do FC Barcelona veio com fixação em definitivo no *Camp del Carrer de la Indústria*. A escolha em definitivo de um espaço para mandar os seus jogos foi um passo importante para a existência do clube, vale lembrar que em 1908, antes de se mudar para o novo campo o clube havia passado por uma crise financeira grave que quase o levou a falência.¹³ Além disso, durante os treze anos em que o

clube mandou seus jogos nesse pequeno estádio, o FC Barcelona ganhou os seus primeiros títulos, se consolidando dentro do crescente cenário futebolístico da Espanha, ganhando, assim, mais sócios e adeptos.

Jogando no *Camp del Carrer de la Indústria* o FC Barcelona conseguiu os seus maiores êxitos esportivos. Ao todo, foram nove Campeonatos da Catalunha, cinco Campeonatos Espanhóis, e quatro Copas dos Pirineus.¹⁴ Também foi no gramado do pequeno estádio que jogaram os maiores jogadores do clube até a década de 1920, como por exemplo, Paulino Alcántara, Zamora e Samitier.

No período entre 1909 a 1914, o clube viu a seu número de sócios crescer, passando de 200 para mais de 1400.¹⁵ Estima-se que, durante o ano de 1914 o FC Barcelona recebeu mais de 26 mil pesetas da cota dos sócios, além disso, arrecadou mais de 46 mil com ingressos para as partidas no *Carrer de la Indústria*.¹⁶

Já no início dos anos 1920, o campo localizado no *Carrer de la Indústria* havia se tornado pequeno de mais para o número de sócios e dos torcedores. Esse crescimento rápido pode ser atribuído, principalmente, aos êxitos dentro de campo, mas também a popularização do esporte, que a partir dos anos 1920, havia se tornado o esporte das multidões. Diante disso, o FC Barcelona apostou na construção de um novo estádio, com capacidade maior, adaptado a demanda dos sócios e dos torcedores.

Em 1921, o presidente do clube, Hans Gamper, convocou em uma assembleia geral dos sócios. No evento, Gamper apresentou a proposta para construir o um novo estádio, bem como a alternativa pensada para custear toda a construção. Foi elaborado um sistema de financiamento no qual o clube emitiria cédulas hipotecárias no valor de 100 a 10 mil pesetas, com juros de 5%.¹⁷ Esperava-se que os mais de 4 mil sócios ajudassem comprando os títulos, em troca o clube oferecia cadeiras

vitalícias no novo estádio para aqueles que contribuísem comprando o maior número de títulos.

Em um ano, o clube superou a marca de 6 mil sócios, esse crescimento pode ser atribuído à ação montada pela presidência do clube para a construção do novo estádio. Também foi graças ao plano de financiamento que o clube conseguiu pagar o terreno e a construção do novo estádio, o clube arrecadou mais de 1 milhão de pesetas, ao passo que o custo oficial da construção foi de 900 mil.

No início do ano de 1922 o clube comprou o terreno que abrigaria o novo estádio. O terreno adquirido estava localizado no bairro Les Corts, a escolha do local daria o nome ao novo estádio. Construído em apenas três meses, o projeto dos arquitetos Santiago Mestres e Josep Alemany contava com capacidade para 20 mil pessoas e com as dimensões do campo era de 101x62 metros.¹⁸ Quando foi inaugurado, o *Camp de Les Corts* já era tido como um dos maiores espaços para assistir os jogos de futebol da Espanha. Devido as suas dimensões, o estádio foi apelidado pelos torcedores de *Catedral barcelonista*.

Um ano após a inauguração do estádio, a Espanha passava por uma crise política que acabaria com o golpe de Miguel Primo de Rivera. O militar assumiu o poder com a justificativa de reestabelecer a ordem e a paz, além de resolver a questão monárquica.¹⁹ Vale lembrar que na Espanha as ideias de esquerda começavam a se encontrar com o nacionalismo catalão. A ideia de uma Catalunha independente via com bons olhos a proposta federalista dos anarquistas. Todavia, durante o regime de Primo de Rivera, o *catalanismo* ainda não pertencia às massas, de fato:

[...] pertencia fundamentalmente às classes médias locais, aos notáveis provincianos de pequenas cidades, e aos intelectuais, uma vez que a classe trabalhadora militante e predominantemente anarquista, tanto catalã como imigrante, guardava certa desconfiança do nacionalismo de base.²⁰

Ainda assim, Primo de Rivera enxergava de maneira perigosa os nacionalismos das regiões históricas. Com o apoio da monarquia, e principalmente, dos militares e de setores conservadores da sociedade, o ditador buscou sufocar as manifestações nacionalistas que não eram condizentes com a ideia de uma Espanha unificada.

Em meio à ditadura, o FC Barcelona assumiu a posição de representante da Catalunha. É bem verdade que desde sua origem o *catalanismo* estava presente dentro do clube, tanto entre os dirigentes do clube quanto entre os torcedores. Mas como já foi afirmado, esse nacionalismo não pertencia aos setores mais populares, pelo contrário, respondia a uma burguesia liberal.

De qualquer forma os elementos do nacionalismo catalão eram constantemente acionados pelos dirigentes e torcedores, mesmo em um regime que buscava sufocar manifestações nacionalistas, principalmente expressões de *catalanismo*. No dia 14 de junho de 1925, o *Camp de les Corts* recebeu um jogo entre FC Barcelona e CE Júpiter em homenagem ao *Orfeó Català*.

O *Orfeó Català* era um coral que havia sido fundado em 1891, e que durante boa parte das primeiras décadas do século XX era uma das instituições musicais mais importantes da Catalunha. Nos anos 1920, o *Orfeó Català* já era tido como uma referência da cultura catalã, pois fomentava a música regional. Já o CE Júpiter era um clube de Barcelona, que por ter sido fundado por ingleses, possuía uma forte identificação com os britânicos.

Foi no contexto da ditadura de Primo de Rivera, que um clube como forte identificação com a Catalunha organizou um jogo com outro clube de origem inglesa, para homenagear uma entidade que fomentava a cultura catalã. Como aponta Josep Termes, o jogo:

[...] era una clara mostra de suport envers una entitat significada amb la cultura catalana i el catalanisme just en uns anys de màxima

repressió per part de la Dictadura de Primo de Rivera contra el fet català.²¹

A primeira etapa do jogo transcorreu normalmente, mas durante o intervalo, uma banda inglesa, que havia sido convidada para o evento, tocou os hinos da Espanha e das Ilhas Britânicas. Quando a banda começou a tocar a Marcha Real Espanhola, os mais de 12 mil presentes no estádio começaram a vaiar. Em seguida, as vaias contra Marcha Real se converteram em aplausos quando a banda começou a tocar *God save the King*.²²

As vaias podem ser entendidas como uma maneira simbólica de contestação ao poder opressor de Primo de Rivera. Além disso, o evento como um todo assumiu uma carga simbólica, a identificação do clube com a Catalunha ganhou novos significados, posicionando o clube de forma contrária ao governo e a favor da Catalunha.

O ocorrido no *Camp de les Corts* chegou ao conhecimento do general da Catalunha, Joaquín Milans del Bosch. O general, que apoiava Primo de Rivera e era assumidamente um *antincatalanista*,²³ pediu a suspensão de todas as atividades do FC Barcelona até segunda ordem. O pedido de Bosch foi prontamente atendido:

“[...] queda suspendida la celebración de partidos, reuniones, y espetáculos de ningún género em el campo de Las Corts, no pudiendo los equipos pertenecientes a este club tomar parte en partido alguno en otros campos.”²⁴

Além disso, a resolução do caso previa a expulsão do presidente do clube, que depois da repercussão do caso, havia dado declarações dizendo que a manifestação da torcida era legítima. O suíço Joan Gamper foi expulso não apenas do clube, mas também da Espanha.

O *Camp de les Corts* ficou fechado por seis meses. A resolução só foi revogada após as manifestações dos torcedores, mas principalmente devido aos contatos do novo presidente do clube, Arcadi Balaguer. Junto com o título de presidente do FC Barcelona, Balaguer também possuía o título de Barão de Olivar, assim como boas relações com o Rei Afonso XIII.²⁵

Quatro anos após o fechamento dos *Camp de les Corts*, o FC Barcelona conquistava o primeiro título da Liga Espanhola. Na temporada 1928-1929, foi organizada uma nova competição nacional, uma proposta do próprio FC Barcelona, em conjunto com outros clubes, que datava de 1927. A organização da Liga Espanhola era uma demanda dos clubes que haviam se profissionalizado no ano de 1926.

O posicionamento político tomado pelo FC Barcelona durante a ditadura de Primo de Rivera (1923 a 1930) seria apenas o prelúdio daquilo que viria ocorrer na ditadura de Francisco Franco (1939 e 1976). Nas décadas que precederam à Guerra Civil, o futebol na Espanha não era fortemente politizado da mesma maneira que viria a ser no período franquista.

Foi durante a Segunda República Espanhola (1931-1939) que o *catalanismo* ganhou apelo popular. A República garantiu autonomia política para as regiões da Catalunha, País Basco e Galícia. Nesse mesmo período circulava uma ideia de *catalanismo*, que soava progressista, e que encontrava no FC Barcelona um refugio. Jesepe Sonyuol, futuro presidente do clube, era adepto do lema *Esport i Ciudadania*²⁶ que haiva surgido na Catalunha durante o curto período democrático.²⁷ Os adeptos do lema entendiam que o esporte serviria para todas as classes sociais, como define Josep M. Solé i Sabaté, “la ciudadania dóna naturalesa de compromís social a partir de l’esport”.²⁸ Aqui, é curioso notar a relação do nacionalismo catalão com a ideia de cidadania, e como esses dois elementos estavam ligados pelo esporte.

Já às vésperas da Guerra Civil em julho de 1936, Josep Sunyol acumulou o cargo de deputado com o de presidente do clube. Como deputado, Sunyol era um defensor da República, já como dirigente esportivo, queria unir o esporte e a cidadania, tendo o nacionalismo catalão como base. Todavia, o clube ficou apenas algumas semanas sob a sua presidência. Em meio às disputas políticas, que se arrastavam desde antes do governo de Primo de Rivera, a crise teve o seu estopim na Guerra Civil. Pouco tempo depois de ter assumido o clube, na primeira quinzena de agosto, Sunyol foi fuzilado por soldados franquistas quando passava por uma região de conflito.²⁹

Em meio ao conflito, a cidade de Barcelona e outras regiões da Espanha viviam uma onda de confiscos de propriedades. No dia 15 de agosto de 1936, membros do grupo anarco-sindicalista CNT-FAI (*Confederación Nacional del Trabajo-Federación Anarquista Ibérica*) fixaram cartazes dizendo que o FC Barcelona estava expropriado pela CNT-FAI. Os cartazes foram colocados no estádio do clube, o *Camp de les Corts*, e nos escritórios do clube. Vale lembrar que, a região da Catalunha era a principal região industrial da Espanha, e deste modo, as ideias anarquistas e anarco-sindicalistas eram bem difundidas entre os operários.

Imediatamente a essa ação, empregados do clube e do estádio se reuniram e formaram um comitê, sendo que alguns desses empregados faziam parte de um movimento sindical baseado em fundamentos ideológicos comunistas. O novo comitê formado pelos empregados fixos do clube buscou se legitimar frente à CNT-FAI e à outros grupos dentro do clube, o argumento deles era que o confisco do FC Barcelona por parte dos empregados do próprio clube poderia ser visto como um projeto revolucionário, reforçando a ideia de uma hegemonia de classe.³⁰

Os empregados do FC Barcelona entendiam que o confisco do clube por parte deles era legítimo, e não deveria haver intermediários, no

caso o CNT-FAI. Vale lembrar que, o comitê de empregados não dissolveu com a junta diretiva que havia, apenas assumiu as ações, uma vez que não havia mais presidente.

Em meio ao caos da guerra, e a real iminência do clube desaparecer, o coletivo de empregados decidiu, por meio de votação, não cobrar as entradas dos sócios no estádio durante os meses de agosto e setembro. Nesses meses, em que não havia nenhum campeonato oficial estruturado, o FC Barcelona realizou jogos, a maioria deles era beneficente, para ajudar as vítimas da guerra e os refugiados.³¹ O FC Barcelona também participou de jogos amistosos para ajudar os milicianos. Em outubro de 1936, o *Camp de les Corts* foi palco de inúmeros festivais de manifestação antifascista, bem como manifestações a favor da democracia e da revolução.³² Mas com o passar dos meses, tornava-se cada vez mais difícil jogar futebol.

Durante a Guerra Civil a situação econômica do FC Barcelona não era das melhores, pois enfrentava um *déficit* de aproximadamente 177.700 pesetas, com os salários dos jogadores por volta de 500 pesetas, e com o número de sócios em baixa. Este quadro era agravado pela política econômica da época e principalmente pela guerra.³³ Na temporada 1937-1938, o campeonato espanhol foi suspenso, mas o campeonato da Catalunha ainda durou mais esta temporada, já na temporada de 1938-1939, as atividades futebolísticas foram completamente suspensas.³⁴ Em meio à guerra, em março de 1938, uma bomba atingiu a sede social do clube, onde havia troféus e documentos, causando um prejuízo de mais de duas mil pesetas.³⁵

No caos da guerra e com o campeonato espanhol suspenso, o clube catalão resolveu fazer um tour pelos Estados Unidos da América, com o intuito de levantar fundos para sanar parte de suas dívidas. Em 1939, o patrimônio do clube se resumia ao *Camp de les Corts*, uns poucos

dólares que recebeu nos Estados Unidos, e alguns jogadores, sendo que uma parte ficou na América, outra na França.³⁶

Com a o fim da guerra e consolidação do golpe, o regime de Francisco Franco procurou garantir a unidade espanhola não apenas com o apoio da Constituição, mais também por meio de coerção política e militar.

[...] la prohibición y persecución de todas as manifestaciones lingüísticas y culturales no castellaneas, que pudieran servir como base para el mantenimiento de actitudes nacionalistas y regionalistas alternativas, se convirtieron en un imperativo político de primer orden.³⁷

Para, além disso, o regime franquista interrompeu o desenvolvimento da cultura catalã, que estava em pleno florescimento durante a República. A cultura catalã “se encontraba en una etapa de plenitud notable, manifestada en la creación de una amplia rede de instituciones, entidade, empresas editoriales, publicaciones y atividades”.³⁸ A grande maioria dos intelectuais catalães estava comprometida com a causa republicana, ainda que visassem garantir a autonomia da Catalunha.

Ainda em 1939, Franco buscou proibir o uso das línguas regionais nas escolas, na imprensa, nas práticas religiosas, nos estádios e em toda a vida pública, além da abolição dos símbolos nacionais como hinos e bandeiras, tendo em vista que as manifestações regionais eram tidas como forma de separatismo que ameaçava desagregar a Espanha, além de serem associadas às ideias de esquerda.

Com o fim da guerra, o futebol passou a destacar-se na questão do regionalismo, na ditadura franquista ficou evidente o questionamento do centralismo de Castela.³⁹ Durante a República, e principalmente durante o franquismo, o *catalanismo* atingiu as massas. Como aponta Hobsbawm, “[...] o catalanismo tornou-se [...] uma força de massa apenas se movendo

para a esquerda, a fim de integrar-se a um movimento trabalhista poderoso e independente [...]”.⁴⁰ Nesse sentido, o *catalanismo* foi bem sucedido ao agregar imigrantes, principalmente àqueles da classe trabalhadora.

Durante a ditadura de Franco, o futebol sofreu com a interferência do governo central. Foram criados mecanismos para enquadrar o esporte, principalmente as entidades esportivas. Os clubes espanhóis conviveram sob a vigília da ditadura, e alguns clubes como o Athletic de Bilbao e o FC Barcelona foram foco de resistência tanto no terreno esportivo quanto político.

Em junho de 1939, após o final da guerra, o *Camp de les Corts* foi reaberto para receber jogos de futebol. Em um jogo entre uma seleção espanhola (que usou as camisas do FC Barcelona) contra o time juvenil do Athletic de Bilbao, diversas autoridades civis e militares estavam presentes no estádio. Antes de começar os jogos, os torcedores presentes foram obrigados a fazer a saudação fascista para receber os militares.⁴¹

Como já foi dito anteriormente, durante o período franquista, a língua catalã foi proibida em lugares públicos, um dos poucos lugares, se não o único lugar público, onde se podia falar a língua catalã sem proibição era nos estádios de futebol. Nesse sentido, o clube era um espaço de sociabilidade, agregador das massas e acessível às classes trabalhadoras, onde a língua catalã poderia ser falada sem ser coibida pela ditadura.

A intensificação do discurso nacionalista da era Franco se fez notar no futebol rapidamente. Nas décadas de 1940 e 1950, o futebol foi usado como propaganda dos símbolos falangistas, militares. Um desses símbolos era a saudação fascista, feita antes de cada partida.⁴² No caso do FC Barcelona, além da substituição da bandeira catalã no escudo, pela bandeira espanhola, também foi alterado o nome de *Football Club* para

Club de Fútbol.⁴³ Mudanças que alteravam os símbolos indenitários do clube, isto é, o escudo e o nome.

Em meados da década de 40, o Hino Falangista era cantado e se fazia a saudação fascista antes das partidas. Nesta mesma década o Campeonato da Catalunha foi extinto⁴⁴ como uma forma do general Franco sufocar qualquer tipo de expressão regionalista. Vale lembrar, também, que Franco apreciava o futebol, em especial o Real Madrid e a Seleção Espanhola, chegando até a fazer apostas.⁴⁵

É importante destacar que o futebol, sendo um esporte acessível ao grande público, era usado pelo governo franquista como veículo de propaganda do governo. Como exemplo disso, de maneira não assumida, temos o Real Madrid, que era a imagem da Espanha que o governo queria passar para a Europa.⁴⁶ Logo é possível dizer que, neste contexto, o futebol se tornou o “catalizador” de oposições regionalistas ao regime centralista.⁴⁷

A politização do futebol espanhol não se deu apenas com o FC Barcelona, é possível identificar traços políticos também em outros clubes, como por exemplo, o Real Madrid e o Athletic de Bilbao. Alguns clubes, mesmo que não claramente afirmado, eram de direita, apoiavam a monarquia, e atuaram como propagandistas do regime franquista, é o caso do Real Madrid. É possível dizer que o clube da capital espanhola aproximou-se da monarquia e do Estado centralizador franquista. Já o time do País Basco, o Athletic de Bilbao,⁴⁸ assim como o FC Barcelona, atuaram como opositores regionalistas ao regime ditatorial.⁴⁹

Já em 1943, o Barcelona e Real Madrid disputaram a semifinal da copa do Generalíssimo. No jogo de ida, no *Camp de les Corts*, o FC Barcelona ganhou com o placar de 3 a 0, mas foi obrigado a pagar uma multa devido à hostilidade da torcida azul-grená.⁵⁰ No jogo de volta, pressionado pelo governo central, por policiais e pelo árbitro, que visitaram o vestiário do Barcelona antes da partida, o clube azul-grená foi

derrotado por 11 a 1.⁵¹ Esta goleada assinala o ponto no qual se inicia a fobia contra o Barcelona, por parte do Real Madrid, e contribuiu para reforçar a rivalidade *Barça-Real*.

Nesse mesmo ano, o *Camp de les Corts* recebeu uma ampla reforma que incluía novas arquibancadas e novas tribunas, sendo que uma delas seria coberta. Após a reforma, o estádio passou a ter capacidade para 60 mil pessoas.⁵² Vale lembrar que nesse mesmo período, o clube já contava com mais de 20 mil sócios, e devido as grandes conquistas dos anos 40, esse número viria a aumentar.

Durante a década de 1950, a contratação de dois jogadores foi disputada entre o FC Barcelona e o Real Madrid. O clube catalão influenciou e praticamente tirou o húngaro Lászlo Kubala do clube merengue, atravessando as negociações do Real Madrid com o jogador. Três anos depois o troco veio com Di Stéfano. O jogador argentino já havia acertado com o FC Barcelona e até disputado alguns amistosos, quando assinou com o Real Madrid. A *Delegación Nacional de Deportes*, influenciada pelo clube da capital espanhola, limitou o número de contratações de jogadores estrangeiros, e apresentou como solução da disputa pelo jogador dividi-lo em temporadas alternadas entre os dois clubes rivais.

O clube catalão, se recusando a dividir o jogador com um clube de Madrid, viu-se obrigado a liberar Di Stéfano para o Real Madrid. Mais tarde o argentino se naturalizou espanhol e tornou-se o maior jogador da história do clube merengue. Ao passo que o jogador Kubala se tornou o maior jogador do clube catalão, e um dos principais motivos para a construção de novo estádio.

O *Camp Nou* durante a ditadura franquista

O húngaro Kubala foi contratado na temporada 1951-1952 e jogou uma década no FC Barcelona, até a temporada 1960-1961. O período em que Kubala esteve no plantel do clube correspondeu ao período das maiores conquistas do FC Barcelona. Em uma década foram quatro títulos da Liga Espanhol, cinco Copas da Espanha. Dentro desse período de glórias, o ano de 1952 foi mágico para o clube. Em uma temporada o clube ganhou cinco títulos: Liga Espanhola, Copa da Espanha, Copa Latina, Copa Eva Duarte e Copa Martini Rossi.⁵³

Pelo futebol jogado pela equipe, e principalmente por contar com Kubala no elenco, o clube viu a sua torcida crescer repentinamente. Em uma década, o clube registou um crescimento mais de 25 mil sócios, enquanto no ano de 1950 o clube contava com 26 mil, em 1960 esse número já havia dobrado. Com as conquistas, e com o rápido crescimento do número de sócios, o *Camp de les Corts* havia ficado pequeno para torcida do clube catalão.

A ideia de construir um estádio novo já estava sendo gestada ainda em 1953, na campanha eleitoral daquele ano, o tema de campanha do candidato Francesc Miró-Sans era a construção de um novo estádio. Miró-Sans ganhou a disputa eleitoral, o presidente entendia que a construção do *Camp Nou* representaria uma afirmação da modernização do clube.

Em 1954, a construção do estádio teve início, o valor girava em torno de 37 milhões de pesetas. Ainda naquele ano o clube fez um empréstimo de 66 milhões de pesetas. Assim como fora durante a construção do *Camp de les Corts*, os dirigentes esperavam a participação dos sócios para ajudar a sanar os custos do novo estádio. E de fato, os sócios ajudaram o clube a capitar 80 milhões de pesetas.⁵⁴

Todavia, o *Camp Nou*, foi construído mesmo com acusações de empréstimos superfaturados e desvios de verba, reflexo de uma má administração que o clube viveu naqueles anos.⁵⁵ O custo total do estádio

foi de mais de 280 milhões de pesetas,⁵⁶ as obras incluíam, além do estádio, um complexo esportivo anexo ao *Camp Nou*. Vale lembrar que a capacidade do estádio prevista antes da construção era de 100 mil pessoas, mas foi inaugurado em 1957 com capacidade para um pouco mais de 80 mil. Como motivo de comemoração da inauguração do novo estádio foi elaborado um hino para o *Camp Nou* (o *Himne de l'Estadi*, de 1957), que ficou como o hino oficial do clube até 1974.

A ideia inicial do clube era vender o antigo estádio, o *Camp de les Corts*, e com o dinheiro da venda pagaria o novo estádio, mas a transação não pode ser efetivada de imediato, e o caso se arrastou até 1965 quando o Conselho de Ministros, presidido por Francisco Franco, autorizou em definitivo a venda do antigo estádio. Só em 1966 a compra foi formalizada e o *Camp de les Corts* foi vendido para uma construtora que previa construir um conjunto de prédios no lugar.⁵⁷ Nesse sentido, o clube valeu-se do regime franquista para sanar sua dívida, mas a ação de Franco pode ser vista como uma tentativa de aproximação com o clube, haja vista que o generalíssimo gostava de futebol e usava-o como propaganda de seu governo.⁵⁸

O sucesso esportivo que marcou a década de 1950 não foi visto na década seguinte. Apesar de ter vivido um período de poucas conquistas, a década de 1960 foi marcada pelo crescimento do número de sócios e pela afirmação do nacionalismo catalão. Foram conquistados 10 títulos na década de 1950 (cinco Copas da Espanha, quatro Ligas Espanholas, duas Copas de Feiras e uma Copa Latina), enquanto apenas dois troféus foram colocados nas prateleiras dos clubes em um espaço de uma década (duas Copas da Espanha e uma Copa de Feiras).

A falta de títulos e a crise econômica causada pela construção do estádio *Camp Nou* foi compensada pelo crescimento do número de sócios. Além disso, o clube adquiriu uma dimensão extra-esportiva. Entre 1961 e 1968, o FC Barcelona teve Enric Lladet como presidente

do clube. O período de Llaudet à frente do clube catalão coincidiu com o desenvolvimento histórico da sociedade catalã, em grande parte devido ao crescimento econômico da região.⁵⁹ Tal desenvolvimento econômico da Catalunha impulsionou um fluxo migratório – quase um milhão de pessoas vindas das regiões mais pobres da Espanha – e o desenvolvimento urbano, principalmente da cidade de Barcelona.⁶⁰

Em suma, a sociedade catalã do final da década de 1960 oferecia novos aspectos se comparados ao início da mesma década. Gradualmente havia uma reconquista do espaço civil, que ainda era, em grande medida, controlado fortemente pelo regime franquista. A década de 1960 foi determinante para o crescimento do nacionalismo nas camadas mais populares, pois a política franquista de conter as manifestações regionais provocou efeito contrário, “una fuerte reacción cultural em la década de 1960, que incluso provocó una radicalización ideológica y política, tanto en el caso vasco como en el catalán”.⁶¹ De fato, a penetração das ideias democráticas somadas às reivindicações nacionais, paulatinamente passou a ser presente na sociedade civil catalã, na medida em que se observam as manifestações nacionais em entidade culturais, centros esportivos e até mesmo em clubes de futebol.

De 1960 a 1970 a população da Catalunha cresceu, este crescimento pode ser atribuído, principalmente, ao citado fluxo migratório.⁶² Espanhóis saíam, sobretudo, do norte da Espanha rumo a Barcelona. O FC Barcelona soube agregar esse contingente de migrantes, e assim, o clube aumentou significativamente o número de sócio-torcedores. No início da década de 60 eram um pouco mais de 39 mil, no final da década esse número chegava perto dos 50 mil.⁶³

Nesses anos, dentro da estrutura ditatorial do esporte imposta pelo General Franco, havia no FC Barcelona dirigentes que apoiavam ou eram solidários ao regime, mas mesmo sob o olhar velado destes dirigentes um grupo organizou-se com o objetivo de introduzir uma linha de atuação

catalanista. O objetivo não era fácil, haja vista que plataformas com valores da cultura “não-oficial” não eram debatidas.⁶⁴

No final de o ano de 1967 o FC Barcelona buscava um candidato à presidência que superasse os enfrentamentos internos, capaz de integrar todos os grupos presentes dentro do clube. O escolhido para esse projeto foi Narcís de Carreras, além de unificar os interesses do clube, a proposta para a candidatura era obter êxitos esportivos, principalmente no futebol.⁶⁵

No dia 13 de janeiro de 1968 o presidente Enric Llaudet saiu na capa do jornal *Mundo Deportivo* com os seguintes dizeres: “*Llaudet dice adios a la presidencia*” seguido da foto do presidente acessando para a câmera, ao fundo um portão com o escudo do FC Barcelona. Nessa mesma edição é possível identificar uma nota na qual o presidente Llaudet agradece o apoio dos torcedores, e convoca-os para uma despedida no Estádio *Camp Nou*, a nota aparece da seguinte forma: “*Llaudet se despidirá de la afición desde el centro del Camp Nou*”.

Ainda na mesma edição, jornal preparou uma entrevista com o presidente. Na matéria intitulada “*Enrique Llaudet, en la hora del adios*”, o presidente falava sobre sua gestão no clube. Llaudet exalta o patrimônio moral que o clube havia conquistado durante a década de 1960, ou seja, o papel dos sócios para a manutenção do clube e a importância do clube na Catalunha e na Espanha:

[...] Precisamente nuestro club tiene el mejor capital que se puede tener en fútbol... Una masa adicta a carta cabal, sinceramente azulgrana, que desea, ganar y ser campeón, pero que es fiel aún no siéndolo. Tenemos 57.000 socios, aproximadamente, y por lo menos otros tantos simpatizantes... Nuestra ciudad es «cap i casal» de la más rica región de España con siete millones de habitantes... El Barcelona, en fútbol, es algo así como una bandera de nuestro sentir... Saber canalizar esta fuerza, real y auténtica, organizar el club para hacerla práctica y perenne, es posiblemente, la labor a emprender, lejos de ser culminada, pero posible, porque el Barcelona, junto a este gran patrimonio moral está en camino de lograr su emancipación

econômica.⁶⁶

Quanto ao patrimônio físico, Llaudet afirma que “*todo lo que el Barcelona tiene lo ha logrado a pulso, por sus fuerzas*”. Um exemplo do patrimônio físico do clube era o *Camp Nou*, sobre o estádio o presidente afirmou:

[...]Tenemos nuestro patrimonio, el ‘Nou Camp’... Este es nuestro hogar, nuestra «llar», pagado a medias en este momento, y que será totalmente nuestra, en muy pocos años, cuando la «operación venta de Las Corts», en marcha, culmine sus plazos... [...] El «Nou Camp» costó más de trescientos millones. Están ya pagados 160 millones. Con los plazos mensuales que se están cobrando, regularmente, de Las Corts, el Barcelona quedará libre de toda deuda, obligación bancaria, etcétera [...].⁶⁷

Nos dias subsequentes ao término do mandato de Llaudet, o então presidente organizou um jogo entre os funcionários do clube, do estádio e os dirigentes, na ocasião o jornal *Mundo Deportivo* brincava dizendo que o reserva de Llaudet poderia ter sido Narcís de Carreras. Este jogo pode ser visto como uma forma de criar a unidade de que tanto se falava na campanha de Carreras, na medida em que se pensa o futebol como um espaço de socialização. Após se despedir dos funcionários, Llaudet se despediu dos torcedores no estádio *Camp Nou*, o Barcelona venceu por 4 a 0 o Zaragoza, e em uma demonstração de euforia e afeto Llaudet recebeu “*la ovación del público congregado en el Nuevo Estadio*”.⁶⁸

Em 1968, Narcís de Carreras substituiu e assumiu o clube, e sua gestão durou dois anos (de 1968 a 1969). Durante a sua gestão, o FC Barcelona atingiu a estabilidade econômica, além disso, conseguiu aumentar o número de sócios para quase 50 mil.⁶⁹ Entretanto, Carreras não conseguiu superar as disputas internas do clube e tampouco conseguiu êxitos esportivos importantes. Mas, como já foi mencionado,

nesse período, o presidente Carreras fez com que o clube adquirisse um significado extra-esportivo, ainda maior.

A frase *més que un club* é do presidente Carreras, e exprimia a dimensão extra-esportiva do clube, em outras palavras a frase pode ser vista como uma forma de representação. Assim, ela representa o posicionamento político do clube construído historicamente, e assim expressa um sentimento comum do clube e de seus torcedores.

Nesse mesmo período, o era cada vez mais reconhecido como instituição catalã com importância social e política.⁷⁰ Mas esse reconhecimento não se deu espontaneamente, foi uma construção. Se o FC Barcelona adquiriu significados sócio-políticos antes, durante e depois da Guerra Civil, foi na Ditadura Franquista que o clube conquistou o *status* de equipe nacional da Catalunha. A frase *més que un club* foi empregada nesse sentido.

Se observarmos a frase *més que un club* veremos que ela está inserida no campo da representação. Para Mauricio Murad pensar futebol no âmbito cultural é trabalhar no “universo das representações sociais”.⁷¹ Já Richard Giulianotti entende que o futebol pode ser usado para “expressar formas particulares de identidade social e cultural”.⁷² Deste modo, o FC Barcelona assumiu não só uma identidade social como também cultural. A frase pode ser vista como uma expressão de um processo longo de construção que se reporta à experiência dos catalães, às disputas políticas encetadas em meio ao regime de Franco e que sofreram forte inflexão no momento de crise do referido regime.

Se um clube representa os seus torcedores, no caso do FC Barcelona não é diferente. Nesse sentido, a frase de Carreras surgiu como uma forma de expressão da posição política do FC Barcelona frente ao governo central. Todavia, com o passar dos anos *més que un club* foi associado à resistência ao franquismo, portanto a frase atuou, e atua ainda hoje, no campo da representação dos torcedores e dos catalães em

relação a si mesmos e à Espanha, o que implica muitas e plurais apropriações. Assim, o clube pode representar os torcedores e a frase pode representar as lutas entre a Catalunha e o governo central, como sugere Duncan Shaw “el club había sido un promotor del folklore y la cultura catalanes durante los largos años de dictadura [...]”⁷³ Mas pode, também, guardar sentidos de apropriação que extrapolam a experiência catalã.

Um exemplo dessa identificação do clube com a Catalunha pode ser visto nas comemorações o Troféu Joan Gamper, um evento organizado pelo próprio FC Barcelona em homenagem ao seu fundador. Na celebração, o clube ofereceu a taça da *Copa del Generalísimo* (conquista um mês antes) a sua torcida no *Camp Nou*, e o *Mundo Deportivo* descreveu assim:

Cataluña toda, representada por los miles de aficionados que anoche se dieron cita en el "Camp Nou", rindió merecido homenaje a los hombres que, dando un curso de entrega total a unos colores, conquistaron para el Barcelona, esse preciado galardón que es la Copa de S. E. El Generalísimo.⁷⁴

Em conjunto com a homenagem pela conquista, a abertura do evento teve a apresentação da *Sardana*, uma dança típica da Catalunha, bem como com o desfile da bandeira da Espanha, da cidade de Barcelona e do clube. Vale ressaltar que havia uma restrição ao uso dos símbolos da Catalunha durante o franquismo, todavia, as bandeiras da cidade e do clube simbolicamente representavam a da Catalunha.

Em 1969, o escritor Manuel Vázquez Montalbán escreveu um artigo que explicava como era um dia de jogo no *Camp Nou*:

Es un rumor inicial que culmina en estrépito. Las gentes salen a los balcones a presenciar el espectáculo de cincuenta, setenta, noventa mil personas que inundan todas las calles y avenidas que llevan al Nou Camp.

[...]

En los ojales de muchas de estas personas que avanzan hacia el Nou Camp hay un escudo de cuatro barras rojas sobre fondo amarillo. ¿A que esto no lo han visto en otros campos de España? Incluso algunos niños agitan banderitas triangulares con idénticos colores. Las gentes hablan mayoritariamente en catalán, en una ciudad en que, según últimas y cultas estadísticas, hay un 40 por ciento de castellano parlantes.

[...]

Este espectador catalán está muy castigado por la historia. En la supervivencia del Barça se ha consumado uno de los escasos salvamientos del naufragio. Es el Barça la única institución legal que une al hombre de la calle con la Cataluña que pudo haber sido y no fue. Y con este medium mantiene una relación ambivalente de amor y rechazo, de fanatismo y crítica despiadada, aunque una y otra vez vuelva, domingo tras domingo, al Nou Camp.⁷⁵

Intitulado *Barça! Barça! Barça! más allá del fútbol*, o autor em seu título faz alusão direta à frase de Carreras, mas para além disso, Montalbán expõem a importância política e social do FC Barcelona.

No final do ano de 1969, Carreras renunciou o cargo, e após um processo eleitoral, Agustí Montal venceu as eleições para a presidência do FC Barcelona, e imediatamente assumiu o cargo. A proposta de governo é seguir a reorganização interna do clube, que já vinha sendo feita por Carreras. Ambos acreditavam que a organização interna entre os dirigentes do clube levaria a sucessos esportivos. Cabia a Montal levar o FC Barcelona a conquistar títulos.

Em 1970, o FC Barcelona disputaria a *Copa del Generalísimo*, no jogo de quartas de final o clube catalão enfrentou, na capital espanhola, e seu maior rival, o Real Madrid. O placar do jogo foi 2-0 para o Real Madrid, entretanto este o jogo foi marcado por uma sequência de acontecimentos, a saber: o segundo gol do Real Madrid foi irregular; uma garrafa foi jogada no campo acertando Rifé, jogador do Barcelona;

durante a semana após o jogo, o *Comité de Competición* da *Federación Española de Fútbol* (FEF) multou três jogadores do FC Barcelona – Gallego, Juan Carlos e Rifé – por terem protestado contra a arbitragem; e o clube catalão também foi multado pelos incidentes causados pela sua torcida durante o jogo.

Evidentemente, no jogo de volta no estádio *Camp Nou* essas questões seriam levadas para o campo. Vale lembrar que a *Copa del Generalísimo* – para os clubes como o Athletic de Bilbao ou FC Barcelona – significava uma vitória, ainda que parcial, de suas lutas separatistas, uma vez que o general Francisco Franco entregava Taça de Campeão aos clubes.

O time azul-grená estava jogando melhor, mas aos 20 minutos do segundo tempo o árbitro Emilio Guruceta assinalou um pênalti inexistente para o Real Madrid. De fato, Rifé do FC Barcelona derrubou Velázquez, mas a falta não foi dentro da área. Diante do pênalti mal marcado a torcida azul-grená reagiu hostilizando o árbitro Guruceta e arremessando as almofadas dos assentos do *Camp Nou*. Após a confusão com a torcida, o jogador Eladio foi expulso por ofender o árbitro.⁷⁶ Com o apito final, o FC Barcelona foi eliminado, com o sentimento de que fora injustiçado pela arbitragem.

Poucos dias depois da péssima atuação do árbitro, a FEF suspendeu Guruceta por seis meses. Aproveitando o espaço dentro da Federação, Montal reivindicou a democratização da FEF, além de exigir a renúncia de José Plaza, presidente do *Comité de Arbitros*. Mais tarde, Joan Gich foi nomeado para o cargo máximo da *Delegación Nacional de Deportes* (DND), na época a nomeação foi vista como uma forma de amenizar as constantes manifestações do clube catalão a DND e a FEF, sobre o *caso Guruceta*. Vale lembrar que no final da década de 1960, Gich trabalhou para o clube catalão, como Secretário Geral do FC Barcelona e como Gerente do Clube, além de ser colunista do período *El Mundo Deportivo*.

Todavia, como demonstra Duncan Shaw, a presença de Gich na DND não tinha relações com o *caso Guruceta*, de fato Gich fora nomeado para substituir Juan Samarach, que assumiu o Comitê Olímpico Espanhol.⁷⁷ A presença de alguém ligado ao FC Barcelona no alto comando do esporte espanhol, não significou mudanças para um clube catalão, ou para outro clube qualquer, o que sugere que sua nomeação era apenas para manter o *status quo* da instituição, uma vez que Gich também possuía relações com os franquistas da instituição. É importante ressaltar que, durante o franquismo era comum presença de pessoas ligadas ao governo de Francisco Franco nas instituições esportivas e nos clubes.

O *caso Guruceta*, como passou a ser nomeado pela imprensa, serviu para renovar a o sentimento catalanista do FC Barcelona.⁷⁸ De fato, o ocorrido foi usado pelo clube para denunciar as constantes interferências do governo central ao futebol e ao clube catalão, como aponta Alfredo Relaño,

[...] evidente que el penalti fuera de área hizo saltar un resorte en el barcelonismo, provocó una rebelión contra un estado de cosas que podía resumirse en el abuso, real o figurado, del Real Madrid a través de los mecanismos de la administración deportiva. Y, más allá, el fantasma de Madrid ciudad, Madrid capital, Madrid poder, Madrid cueva del Franquismo que sofocaba el espíritu nacionalista catalán.⁷⁹

Durante o início da década de 1970 o FC Barcelona intensificou a identificação com a Catalunha, em grande parte devido ao *caso Guruceta*. Mesmo o clube aumentando sua identificação com a Catalunha, não conseguia expressar sua importância social em títulos esportivo.

No período citado, a língua catalã começou a ganhar o espaço público, os carnês de sócios passaram a ser escritos em catalão e não mais em castelhano, além disso, os anúncios no megafone do estádio *Camp Nou* passaram a ser em catalão, vale lembrar que entre a torcida era

comum falar a língua catalã, mas no áudio oficial do estádio era proibido.⁸⁰ Deste modo, valendo-se da abertura paulatina do regime franquista, o clube passou a usar a língua catalã como oficial nos espaços públicos.

Em 1974, o FC Barcelona, que já contava com o talento do jogador Cruyff, fez uma ótima campanha e conquistou o título de Campeão Espanhol daquele ano. o clube organizou uma cerimônia de entrega do troféu ao FC Barcelona, diante da torcida azulgrená, no estádio *Camp Nou*. Como parte do evento comemorativo, foi realizada “una serie de actos folklóricos enmarcaron la jornada de homenaje a los campeones de Liga, que recibieron inequívocas muestras de lo que el club representa para la ciudad y región”.⁸¹ Aqui é possível perceber o esforço de identificação do clube com a Catalunha.

Em homenagem à conquista do título, o periódico *El Mundo Deportivo* publicou uma edição especial relatando os momentos memoráveis daquela equipe. O jornal deu destaque especial para a torcida, exaltando o papel dos torcedores no estádio *Camp Nou*, que apesar de ser um estádio relativamente novo mantinha o “*tradicionalismo catalán*” que era “*el espíritu del Barcelona*”,⁸² deste modo, o jornal deixa a entender que a identificação do FC Barcelona a região da Catalunha passava pela torcida e pelo estádio.

Para além da conquista do título, o ano de 1974 correspondeu ao aniversário de 75 anos do FC Barcelona. Quando Montal assumiu a presidência do clube no ano anterior tinha consciência que organizaria o aniversário do clube. Como aponta Carles Santacana Torres, Montal e seus dirigentes pensavam em usar o aniversário como uma forma de reforçar o *barcelonismo*, assim como o *catalanismo*, ou seja, o aniversário seria usado como uma forma de acentuar a identificação do clube com a sociedade catalã.⁸³

Diversos eventos foram organizados durante o ano, todo para celebrar o aniversário do clube, e de certa forma celebrar o nacionalismo catalão. Talvez o ato comemorativo que melhor exemplifique isso seja a elaboração do novo hino do clube, *El Cant del Barça*. O hino de 1974 – que continua sendo o hino até hoje⁸⁴ – evoca o sentimento aglutinador de massas.

Cant del Barça

Tot el camp, és un clam
som la gent blaugrana,
Tant se val d'on venim
si del sud o del nord
ara estem d'acord, ara estem d'acord,
una bandera ens agermana.
Blau-grana al vent, un crit valent
tenim un nom, el sap tothom:
Barça, Barça, Barça!

Jugadors, seguidors, tots units fem força.
Son molt anys plens d'afanys,
son molts gols que hem cridat
i s'ha demostrat, i s'ha demostrat,
que mai ningú no ens podrà torcer
Blau-grana al vent, un crit valent

tenim un nom, el sap tothom

Barça, Barça, Barça!⁸⁵

Vemos no hino uma exaltação do *camp*, ou seja, é no estádio *Camp Nou* que o torcedor do FC Barcelona vai se encontrar e se reconhecer como grupo. Além disso, algumas frases devem ser destacadas: *Som la gent blaugrana/Tant se val d'on venim/ si del sud o del nord/ ara estem d'acord, ara estem d'acord,/ una bandera ens agermana*. Esse trecho faz alusão à adesão dos imigrantes ao clube catalão, não fazendo distinção das origens desse novo torcedor, desde que torcesse pelo FC Barcelona, isso implicava, mesmo que diretamente o apoio a favor da Catalunha. Vale lembrar que, o FC Barcelona conquistou a simpatia de imigrantes que estavam na Catalunha para trabalhar nas indústrias, principalmente nas décadas de 1950 e 1960. Nesse sentido, aos olhos dos imigrantes, o clube era visto como “una de las formas más simpáticas y eficaces para acoger con los brazos abiertos a los miles y miles de inmigrantes, que al cabo de poco tiempo vibran con los mismo colores de los aficionados”⁸⁶ do FC Barcelona e da Catalunha. Em meados da década de 1970, o clube catalão já contabilizava mais de 70 mil sócios.

Durante quase uma década e meia (1960-1974), a Espanha viveu um desenvolvimento econômico. Todavia, já em 1974, a Espanha entrou em uma crise econômica, acompanhando a crise do regime franquista e a doença do general Francisco Franco. Após a morte de Franco, em 1975, a Espanha passou por um processo de transição democrática. No lugar de Franco, Juan Carlos de Borbón assumiu o cargo de chefe de Estado, assim como o cargo de Rei da Espanha. Entretanto, as primeiras eleições só ocorreram dois anos depois, e a nova constituição foi promulgada em 1978, a Espanha passou a ser uma monarquia democrática, com Estados autônomos, como por exemplo, Catalunha e País Basco.

Considerações finais

Os estádios ajudam a construir e a reforçar a identidade clubística, mas do que isso, toda vez que um torcedor vai a um estádio, a relação do torcedor com o clube é renovada. No caso do FC Barcelona, os estádios tiveram papel importante na construção, não apenas de uma identidade clubística, mas também de uma identidade catalã. Foi no ambiente dos estádios que as manifestações a favor da Catalunha tiveram espaço, principalmente nos períodos mais duros da vida política espanhola. Também foi nos estádios que a relação entre torcedor e clube se consolidou. Tais relações podem ser interpretadas a partir da ideia de representação.

Considerando o que pode representar a história do FC Barcelona para a Catalunha, podemos destacar o conceito de representação coletiva. Temos duas análises possíveis:

[...] uma pensa a construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade.⁸⁷

Tomaremos a segunda como baliza, uma vez que se entende que o futebol constitui como um terreno fértil para representações desse tipo. É nesse esporte que torcedor e clube conferem sentido e coesão para a suas existências a partir de representações de si mesmas.

Assim, o estádio aparece como esse elemento de coesão. Como Elias Canetti ajuda a entender, nos estádios:

As fileiras encontram-se dispostas uma acima da outra, a fim de que todos vejam o que se passa lá embaixo. A consequência disso, porém, é que a massa encontra-se sentada diante de si mesma. Cada um tem à sua frente milhares de pessoas e cabeças.

[...]

A massa que assim se exhibe não apresenta nenhuma interrupção. O anel que compõe é fechado. Nada lhe escapa. Há algo de estranhamente homogêneo nesse anel de rostos fascinados, uns sobre os outros. Ele abarca e contém tudo quanto se passa lá embaixo.⁸⁸

Em outras palavras, é nos estádios que os torcedores se conhecem e se reconhecem enquanto grupo. É nesse espaço que acontece o jogo de representação, isto é, torcedores representam o clube e o clube representa os torcedores, conferindo, assim, sentido e coesão para as suas existências.

Ao se falar de um clube como o FC Barcelona, também é preciso lembrar da “relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga”,⁸⁹ isto é, a “imagem presente” de um clube carregado de signos e de uma identidade historicamente construída pode representar “um objeto ausente”, assim, o FC Barcelona assumiria a ausência da Catalunha, enquanto Estado-Nação. Nesse jogo de imagens, encontram-se torcedores e jogadores que ora ratificam a imagem construída pelo clube, ora constroem a imagem do clube. Entende-se que foi construída uma identidade catalã por meio de representações sociais e culturais. É nessa dupla-chave, “objeto ausente” e “imagem presente”, que o FC Barcelona assumiu o papel de representante da Catalunha.

Notas

* Mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo - Escola de Filosofia Letras e Ciência Humanas (EFLCH), UNIFESP. Estuda a globalização do futebol em choque com a identidade regional presente no FC Barcelona. Orientadora: Ana Lúcia Lana Nemi. E-mail: figolsvi@hotmail.com

¹ “[...] o jogo da rua através de uma entidade [...]”; “[...] atua como elemento integrador [...]” Tradução nossa. BARNILS, Ramon. *et al. História crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. Barcelona: Editorial Empúries, 1999. p. 8.

² “[...] um veículo de coesão social, um clube [...]” Tradução nossa. BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.* p. 10.

³ BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.*, p. 7.

⁴ TORRES, Carles Santacana (dir.). *Barça, 110 anys fent història*. Barcelona: Angle Editorial, 2010. p. 19.

⁵ GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010. pp. 21-24.

⁶ *Ibidem.* p. 23.

⁷ TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.*, p. 31.

⁸ BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.*, p. 28.

⁹ TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.*, p. 31.

¹⁰ “[...] um dos cenários esportivos mais admirados da época.” Tradução nossa. BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.*, p. 28.

¹¹ TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.*, p. 293.

¹² “[...] só se podia ver a parte inferior das costas de todos os que estavam sentados no muro que cercava o campo.” Tradução nossa. BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.* p. 28. Ver também TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.*, p. 31.

¹³ TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.*, p. 45.

¹⁴ TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.*, p. 45.

¹⁵ *Ibidem.* p. 293.

¹⁶ BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.* p. 37.

¹⁷ *Ibidem.* p. 50.

¹⁸ *Ibidem.* p. 51.

¹⁹ CARR, Raymond. *Espanha: 1808-2008*. Barcelona: Editorial Ariel – Historia, 2012. p. 471.

²⁰ HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 159.

²¹ “[...] era um claro sinal de apoio, no sentido de uma entidade com identificação com a cultura catalã e com o *catalanismo* durante os anos de repressão máxima da ditadura de Primo de Rivera contra a Catalunha.” Tradução nossa. TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.*, p. 65.

²² BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.*, p. 59.

²³ TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.*, p. 65.

²⁴ BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.* p. 61.

²⁵ TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.*, p. 65.

²⁶ “Esporte e Cidadania”. Tradução nossa.

²⁷ BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.*, p. 71.

-
- 28 “A cidadania dá a natureza do engajamento social, através do esporte”. Tradução Nossa. *Ibidem*. p. 71.
- 29 SODRÉ I SABATÉ, Josep M. & FINISTRES, Jordi. *El Barça em guerra (1936-1939)*. Barcelona: Angle Editora, 2006. pp. 48-49.
- 30 *Ibidem*, pp. 38-39.
- 31 *Ibidem*, pp. 39-40.
- 32 TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.* p. 82.
- 33 BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.*, pp. 91-92.
- 34 *Ibidem*. p. 93.
- 35 *Ibidem*. p. 94.
- 36 BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.*, p. 95.
- 37 RIQUER, Borja de. *Historia de España: La Dictadura de Franco*. Barcelona: Crítica-Marcial Pons, 2010. Vol.9. p. 158.
- 38 *Ibidem*, p. 161.
- 39 SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo*. Madri: Alianza Editorial, 1987. p. 22.
- 40 HOBBSAWM, Eric J. *Op. cit.* pp. 159-160.
- 41 TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.* p. 90.
- 42 *Ibidem*, p. 32.
- 43 TORRES, Carles Santacana. *El Barça y el Franquismo – Crónica de unos años decisivos para a Cataluña (1968-1978)*. Ediciones Apóstrofe, 2006. p. 36.
- 44 *Ibidem*. p. 18.
- 45 SHAW, Duncan. *Op. cit.*, pp. 145-180.
- 46 *Ibidem*, p. 19.
- 47 Idem, *Ibidem*.
- 48 Até os dias de hoje o Athletic de Bilbao defende o regionalismo basco e o separatismo. O clube contrata apenas jogadores bascos, e proíbe espanhóis não-bascos e estrangeiros de atuarem pelo clube.
- 49 Idem, *Ibidem*.
- 50 *Ibidem*. p. 104.
- 51 Idem, *Ibidem*.
- 52 TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.*, p. 95.
- 53 TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.*, p. 107.
- 54 Idem, *Ibidem*.
- 55 BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.*, p. 148.
- 56 TORRES, Carles Santacana (dir.). *Op. cit.*, p. 127.
- 57 TORRES, Carles Santacana. *Op.cit.*, p. 49.
- 58 *Ibidem. Idem*. p.49; BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.*, p. 174.
- 59 TORRES, Carles Santacana. *Op. cit.*, p. 55.
- 60 Idem, *Ibidem*.
- 61 RIQUER, Borja de. *Op. cit.*, p. 171.
- 62 BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.*, p. 186.
- 63 Idem, *Ibidem*.
- 64 TORRES, Carles Santacana. *Op. cit.*, p. 55.
- 65 Idem, *Ibidem*.
- 66 *Mundo Deportivo*, 13 de janeiro de 1968. pp. 14-15.

⁶⁷ *Ibidem*.

⁶⁸ *Mundo Deportivo*, 15 de janeiro de 1968. p. 5.

⁶⁹ TORRES, Carles Santacana. *Op. cit.*, p. 198.

⁷⁰ SHAW, Duncan. *Op. cit.*, p. 63.

⁷¹ MURAD, Mauricio. *Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Editora Irradiação Cultural, 1996. p. 19.

⁷² GIULIANOTTI, Richard. *Op. cit.*, p. 25.

⁷³ SHAW, Duncan. *Op. cit.*, p. 212.

⁷⁴ *Mundo Deportivo*, 22 de agosto de 1968. p. 1.

⁷⁵ MONTALBÁN, Manuel Vázquez. *Triunfo*, 25 de outubro de 1969. *Apud* TORRES, Carles Santacana. *Op. cit.*, pp. 281-285.

⁷⁶ BARNILS, Ramon. *et al. Op. cit.*, 203.

⁷⁷ SHAW, Duncan. *Op. cit.*, pp. 209-210.

⁷⁸ BARNILS, Ramon. *Op. cit.*, pp. 206.

⁷⁹ RELAÑO, Alfredo. *Nacidos para incordiar-se – un siglo de agravios entre el Madrid y el Barça*. 2ª edición. Madrid: Ediciones Martínez Roca, 2012. p. 237.

⁸⁰ TORRES, Carles Santacana. *Op. cit.*, p. 136.

⁸¹ *Mundo Deportivo*, 15 de maio de 1974. p. 18.

⁸² Edição especial. *Mundo Deportivo*, 20 de maio de 1974. p. 18.

⁸³ TORRES, Carles Santacana. *Op. cit.*, p.199.

⁸⁴ Vale lembrar que o FC Barcelona teve durante sua história diversos hinos. Em 1923, o primeiro, que foi substituído em 1949, que mais uma vez foi substituído em 1957, e em 1974 foi criado o hino que atualmente é o oficial. Em 1999 um hino também foi criado como comemoração do centenário do clube.

⁸⁵ Tradução nossa: “Em todo campo é um só clamor/ Somos a torcida azul-grená/ Não importa de onde viemos/ seja do sul ou do norte/ Agora, estamos de acordo, estamos de acordo/ Uma bandeira nos une em fraternidade/ Azul-grená ao vento, um grito valente/ temos um nome que todos conhecem/ Barça, Barça, Barça!/ Jogadores, torcedores, unidos somos fortes/ Muitos anos foram cheios de sacrifícios/ foram muitos gols que gritamos/ e tem sido demonstrado, tem sido demonstrado/ que ninguém poderá nos abater/ Azul-grená ao vento, um grito valente/ temos um nome que todos conhecem/ Barça, Barça, Barça!”. *Mundo Deportivo*, 5 de outubro de 1974. p. 9.

⁸⁶ *Apud*: SHAW, Duncan. *Op. cit.*, p. 64.

⁸⁷ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados. 1991, vol.5, n.11, p. 183.

⁸⁸ CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 27.

⁸⁹ CHARTIER, Roger. *Op. cit.*, p.183.

Data de envio: 07/04/2014.

Data de aceite: 10/04/2014.